

FH: Real sepultou a fracassomania no Brasil

*Sem o plano, disse,
inflação estaria
hoje em 5.000%*

GRAÇA MAGALHÃES-RUETHER
Correspondente

FRANKFURT — Diante de empresários e banqueiros alemães, no coração financeiro de Frankfurt, o presidente Fernando Henrique referiu-se ontem ao Plano Real como um divisor de águas entre o que mais uma vez chamou de fracassomania e o fim da inflação no Brasil. Convidado para abrir um seminário sobre privatização promovido pela Associação Ibero-Americana e pelo Deutsche Bank, foi aplaudido ao anunciar o aprofundamento do processo de venda de estatais e a manutenção da in-

flação em baixa. Bem-humorado, contou a história do plano que mudou o país:

— Com um presidente que não tinha nem partido e a mentalidade da fracassomania, de não acreditar que as coisas iam dar certo, foi feito o Real.

Segundo ele, se não fosse o Real, o Brasil estaria hoje com uma inflação de mais de 5.000% ao ano.

O Brasil tem tudo para entrar já em outubro no restrito clube dos países que controlam a tecnologia de lançamento de mísseis. Falta apenas a aprovação, pelo Senado, do projeto que estabelece por lei o controle da exportação de equipamentos e produtos que podem ser usados para fins civis e militares — uma espécie de garantia de que não serão repassados para países belicistas. (Colaborou Maria Lima)

*Na Alemanha,
comitiva chega ao
limite da exaustão*

MARIA LIMA
Enviada especial

FRANKFURT — No primeiro dia de visita oficial à Alemanha, Fernando Henrique e comitiva quase chegaram ao limite da exaustão. A maratona por cinco cidades de dois países em menos de 12 horas incluiu viagens de carro, Boeing e helicópteros de combate. No fim da corrida o presidente não escondia o cansaço.

O presidente madrugou para viajar de Bruxelas, na Bélgica, a Frankfurt, onde abriu o seminário sobre privatização, seguiu para Wiesbaden de carro,

embarcou num Air Bus 300 para chegar a Hannover e, por fim, enfrentou um helicóptero barulhento para cumprir mais uma etapa do programa em Wolfsburg. Uma hora mais tarde, repetiu todo o trajeto de volta, usando os mesmos veículos, até desabar, exausto, num paraíso: o palácio neoclássico de Petersberg.

— Esse pessoal do Itamaraty pensa que eu sou de ferro — desabafou com um dos representantes do Governo alemão.

Na fábrica da Volkswagen, em Wolfsburg, recebeu as chaves de duas Kombis doadas para a Comunidade Solidária. Dona Ruth foi mais feliz: relaxou num passeio de barco pelo Reno. Em Wiesbaden, o casal foi recebido com festa pelo governador do estado de Hesse, Hans Heichel. Ele ofereceu um banquete a Fernando Henrique no castelo de Biebrich.

FH: Real sepultou a fracassomania no Brasil

Sem o plano, disse, inflação estaria hoje em 5.000%

GRAÇA MAGALHÃES-RUETHER
Correspondente

FRANKFURT — Diante de empresários e banqueiros alemães, no coração financeiro de Frankfurt, o presidente Fernando Henrique referiu-se ontem ao Plano Real como um divisor de águas entre o que mais uma vez chamou de fracassomania e o fim da inflação no Brasil. Convidado para abrir um seminário sobre privatização promovido pela Associação Ibero-Americana e pelo Deutsche Bank, foi aplaudido ao anunciar o aprofundamento do processo de venda de estatais e a manutenção da in-

flação em baixa. Bem-humorado, contou a história do plano que mudou o país:

— Com um presidente que não tinha nem partido e a mentalidade da fracassomania, de não acreditar que as coisas iam dar certo, foi feito o Real.

Segundo ele, se não fosse o Real, o Brasil estaria hoje com uma inflação de mais de 5.000% ao ano.

O Brasil tem tudo para entrar já em outubro no restrito clube dos países que controlam a tecnologia de lançamento de mísseis. Falta apenas a aprovação, pelo Senado, do projeto que estabelece por lei o controle da exportação de equipamentos e produtos que podem ser usados para fins civis e militares — uma espécie de garantia de que não serão repassados para países belicistas. **(Colaborou Maria Lima)**

Na Alemanha, comitiva chega ao limite da exaustão

MARIA LIMA
Enviada especial

FRANKFURT — No primeiro dia de visita oficial à Alemanha, Fernando Henrique e comitiva quase chegaram ao limite da exaustão. A maratona por cinco cidades de dois países em menos de 12 horas incluiu viagens de carro, Boeing e helicópteros de combate. No fim da corrida o presidente não escondia o cansaço.

O presidente madrugou para viajar de Bruxelas, na Bélgica, a Frankfurt, onde abriu o seminário sobre privatização, seguiu para Wiesbaden de carro,

embarcou num Air Bus 300 para chegar a Hannover e, por fim, enfrentou um helicóptero barulhento para cumprir mais uma etapa do programa em Wolfsburg. Uma hora mais tarde, repetiu todo o trajeto de volta, usando os mesmos veículos, até desabar, exausto, num paraíso: o palácio neoclássico de Petersberg.

— Esse pessoal do Itamaraty pensa que eu sou de ferro — desabafou com um dos representantes do Governo alemão.

Na fábrica da Volkswagen, em Wolfsburg, recebeu as chaves de duas Kombis doadas para a Comunidade Solidária. Dona Ruth foi mais feliz: relaxou num passeio de barco pelo Reno. Em Wiesbaden, o casal foi recebido com festa pelo governador do estado de Hesse, Hans Heichel. Ele ofereceu um banquete a Fernando Henrique no castelo de Biebrich.

O GLOBO

19 SET 1995